

Transitividade intermediária: indício de não modularidade

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i2.3259>

Rodrigo Lazaresko Madrid¹

Resumo

Este artigo apresenta como uma visão não categórica de transitividade permite observar fenômenos linguísticos que apontam para uma teoria de não modularidade. A partir de dados de línguas bantu, mostro como a transitividade é um fenômeno que transcende o verbo, seguindo a proposta de Hopper e Thompson (1980). Essa abordagem permite resgatar a noção de “estrutura ativa” (KLIMOV, 1974; SEKI, 1976), para defender que as variações de transitividade são marcadas linguisticamente em diferentes níveis: no léxico, na morfologia, na sintaxe e no discurso, pelo menos. Dessa maneira, ao diluir os limites dos diferentes níveis de análise, este trabalho contribui para reforçar o compromisso de generalização da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1990) e para indicar a transitividade como um objeto nos estudos sobre modularidade.

Palavras-chave: estrutura ativa; línguas bantu; Linguística Cognitiva.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; rodrigolmadrid@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-3105-0003>

Intermediary transitivity: a clue to non-modularity

Abstract

This article presents how a non-categorical view of transitivity enables us to observe linguistic phenomena that point to a theory of non-modularity. Based on data from Bantu languages, I show how transitivity is a phenomenon that transcends the verb, following Hopper and Thompson's (1980) proposal. This approach reintroduces the notion of "active structure" (KLIMOV, 1974; SEKI, 1976), to argue that transitivity variations are marked linguistically at different levels: in the lexicon, morphology, syntax, and discourse, at least. Thus, by blurring the boundaries of the different levels of analysis, this paper contributes to the generalization commitment of Cognitive Linguistics (LAKOFF, 1990) and to indicating transitivity as an object in studies on modularity.

Keywords: active structure; Bantu languages; Cognitive Linguistics.

Introdução

Desde a chamada "revolução cognitiva", em meados do século XX, as teorias linguísticas têm se preocupado em desvendar as relações entre os fatos da linguagem humana e a mente. Dessa maneira, o conceito de modularidade aparece na Linguística de duas maneiras: a primeira ao tratar a linguagem como um módulo exclusivo da cognição (distinto do sensório-motor, do raciocínio matemático etc.) e a segunda ao tratar os diferentes níveis de análise (fonologia, morfologia, sintaxe etc.) como módulos dentro da gramática. Essa teoria de mente é um pressuposto da teoria gerativa elaborada por Noam Chomsky (2009, 2018) e defendida por estudiosos da psicologia cognitiva, como Jerry Fodor (1983) e Steven Pinker (2002) – mesmo que o consenso entre eles não seja absoluto.

Nas últimas décadas do século XX, desenvolveu-se uma abordagem linguística que, apesar de manter o aspecto cognitivista da teoria gerativa, trata a relação entre mente e linguagem a partir de propostas das ciências cognitivas que enxergam a cognição por um prisma não modular: a Linguística Cognitiva. A adoção da ideia de não modularidade aparece nos primeiros textos de consolidação da abordagem, quando George Lakoff (1990) propõe dois compromissos como definidores da Linguística Cognitiva: o compromisso cognitivo e o compromisso de generalização, brevemente descritos nos próximos parágrafos.

O compromisso cognitivo estabelece o aspecto transdisciplinar da abordagem, uma vez que os estudos linguísticos devem estar em acordo com aquilo que se sabe sobre a mente humana para além dos achados dentro da própria Linguística. Ou seja, a Linguística Cognitiva deve considerar também o conhecimento sobre a mente e o cérebro desenvolvido em outras disciplinas.

O compromisso de generalização é o dever de caracterizar princípios gerais que regem a linguagem humana em seus diferentes aspectos. Nesse sentido, é importante que generalizações feitas a partir de dados fonológicos, por exemplo, digam respeito a processos cognitivos que também possam ser acionados na morfologia ou no discurso.

A partir de dados de línguas bantu, coletados de modo documental em gramáticas de referência e em artigos analíticos, este artigo apresenta uma proposta de análise que expande a categoria “transitividade” para além das propriedades lexicais de um verbo ou de uma oração. Dessa maneira, indica-se um caminho a ser perseguido por estudos que busquem referendar – ou falsear – a hipótese da não modularidade na linguagem e, conseqüentemente, na cognição.

O artigo se organiza da seguinte maneira: a primeira seção expõe o problema de pesquisa que levou o autor a analisar a transitividade nas línguas bantu; a segunda seção apresenta uma proposta de transitividade ampla, a partir de uma perspectiva tipológica; a terceira seção mostra como a expressão de qualidades nas línguas bantu reforça a ideia de transitividade como um fenômeno que perpassa diferentes níveis linguísticos e as considerações finais indicam os possíveis desdobramentos do estudo para o aprofundamento da discussão sobre modularidade.

Línguas bantu e o alinhamento de participantes

As línguas bantu são um grupo de línguas da família nigero-congolesa, faladas em uma vasta região da África: uma área que se estende dos Camarões ao Quênia, no sentido oeste-leste, e dessa faixa até o ponto mais austral do continente, na África do Sul. O levantamento mais recente (HAMMARSTRÖM, 2019) enumera 555 línguas pertencentes ao grupo bantu. A referência desse grande número de línguas é acompanhado na tradição bantuísta por meio do sistema alfanumérico de identificação elaborado por Malcolm Guthrie que indica a região geográfica em que cada língua é falada².

A literatura considera que as línguas do grupo bantu se organizam em um alinhamento de participantes prototipicamente acusativo (BLAKE, 2001; BOSTOEN; DOM; SEGERER, 2015). Isso significa que nessas línguas há (i) uma distinção entre sujeitos e objetos de orações transitivas e (ii) uma semelhança entre o sujeito de orações transitivas e o sujeito de orações intransitivas. É o que podemos ver nos exemplos abaixo:

2 Neste artigo, indico o código Guthrie entre parênteses após a menção nominal a cada língua bantu.

1. Zulu (S42) (HALPERT, 2012, p. 34)

(iqhawe) li-xova u-jeque
AUG.CL₅.herói MS₅-fazer AUG.CL₁-pão cozido
'O herói está fazendo pão cozido'

2. Umbundu (R11) (AURÉLIO, 2017, p. 48)

ndi-padul-a
MS_{1SG}-aplaudir-VF
'Aplaudo'

O que se vê em (1) e em (2) é que a marca de sujeito (MS) afixada ao verbo concorda com a classe nominal (CL) do sujeito: a classe 5 em (1) e a primeira pessoa do singular em (2). Esses exemplos mostram que tanto o sujeito de um verbo transitivo como o sujeito de um verbo intransitivo acionam a concordância verbal, o que não ocorre com o objeto dos verbos transitivos. Quando há concordância com o objeto no verbo em línguas bantu, ela acontece com uma marca de objeto (MO), como o morfema *-mu* para a classe 1 em manyika no exemplo (3):

3. Manyika (S10) (BAX; DIERCKS, 2012, p. 189)

Ndi-ngo-mu-farira Tendai
MS_{1SG}-HAB-MO₁-gostar CL₁.Tendai
'Eu gosto [do] Tendai'

Como se vê, a relação que se estabelece entre o verbo e seus argumentos nos exemplos acima sugere um alinhamento do tipo nominativo-acusativo, em que o sujeito de orações transitivas se assemelha ao sujeito das intransitivas e ambos são distintos do objeto de orações transitivas.

Há, no entanto, algumas construções possíveis nas línguas bantu que colocam em questão o estatuto dos nominais envolvidos como sujeitos ou objetos – as chamadas construções de inversão.

A forma de inversão mais comum é a inversão locativa, que tem sido atestada também em línguas bastante diversas do ponto de vista tipológico, como o português brasileiro, o inglês e o chinês (AVELAR, 2009; SALZMANN, 2011). Os exemplos em (4) ilustram esse tipo de inversão em zulu:

4. Zulu (S42) (ZELLER, 2013, p. 1108)
- a. U-tshani bu-mil-a e-n-gadi-ni
 AUG-**CL**₁₄.grama **MS**₁₄.-crescer-VF LOC-**CL**₉-jardim-LOC
 'A grama cresce no jardim'
- b. I-n-gadi i-mil-a u-tshani.
 AUG-**CL**₉.grama **MS**₉.-crescer-VF AUG-**CL**₁₄.grama
 'O jardim cresce grama'

Além de expressões locativas, é possível que nominais codificando outros papéis semânticos (como instrumento e paciente, por exemplo) apareçam na posição pré-verbal acionando a concordância (MARTEN; VAN DER WAL, 2014). A variação identificada nos elementos que acionam a concordância verbal provoca questionamentos sobre a transitividade das línguas bantu. Como caracterizar os nominais nas orações em bantu com base em uma estrutura argumental? Se o suposto alinhamento acusativo pressupõe um comportamento distinto entre sujeitos e objetos no que diz respeito à concordância e à ordem de palavras, qual é a função dos nominais expressos em construções de inversão como a apresentada acima em (4)?

Essas questões pressupõem uma noção de transitividade baseada em orações e na estrutura argumental associada a cada verbo. É necessário então uma abordagem menos categórica da transitividade para entender as diferentes conceitualizações de evento envolvidas na estruturação das línguas bantu que possibilitam, por exemplo, as construções de inversão.

Uma proposta de transitividade gradual foi elaborada por Paul Hopper e Sandra Thompson (1980), considerando que o número de participantes é apenas um entre diversos fatores para a transitividade. Na próxima seção, introduzo essa proposta por uma perspectiva tipológica, para ilustrar na sequência, com dados de línguas bantu, como a transitividade perpassa diferentes níveis da gramática. Por fim, concluo que esse pode ser um indício para a não modularidade.

Transitividade intermediária e a estrutura ativa

A noção de transitividade que mobilizo neste artigo é, conforme mencionado anteriormente, aquela proposta por Hopper e Thompson (1980). Trata-se de uma visão segundo a qual a transitividade de um enunciado reflete o nível de efetividade na realização de um evento expresso linguisticamente. Dessa maneira, a distinção entre transitivo e intransitivo deixa de ser categórica e passa a ser gradual, e as análises linguísticas passam a considerar que construções têm maior ou menor grau de transitividade. É a partir da elaboração da

ideia de transitividade desenvolvida aqui que analisarei os dados sobre línguas bantu na seção seguinte.

Para essa proposta, a transitividade não é uma propriedade exclusiva dos verbos, mas aplica-se também às sentenças e ao nível discursivo. Além disso, há outros fatores envolvidos nos fenômenos de transitividade para além do número de participantes: alguns ligados à alta transitividade e outros ligados à baixa transitividade, como mostra o Quadro 1 abaixo:

Quadro 1. Fatores de alteração do nível de transitividade

Parâmetro	Alta transitividade	Baixa transitividade
Número de participantes	2 ou mais participantes	Um ou nenhum participante
Volitividade	Presença de volição	Ausência de volição
Agentividade	Alta agentividade	Pouca agentividade
Afetação dos participantes	Participante menos proeminente afetado	Nenhum participante afetado
Individuação dos participantes	Participantes altamente individuados	Participantes não individuados
Cinese	Alta cinesia	Ausência de ação
Polaridade	Afirmação	Negação
Aspecto	Perfectivo	Não perfectivo
Pontualidade	Pontual	Não pontual
Modalidade	Realis	Irrealis

Fonte: Adaptado de Hopper e Thompson (1980, p. 252)

Os parâmetros apresentados acima levam em consideração também critérios utilizados por Åshild Næss (2007) para a construção de uma transitividade prototípica. Segundo a autora, “uma oração prototipicamente transitiva é aquela em que os dois participantes são maximamente distintos semanticamente em termos de seus papéis no evento descrito pela oração” (NÆSS, 2007, p. 30, tradução nossa³). Nessa oração prototipicamente transitiva, um participante seria um instanciador volitivo de uma ação sobre outro participante afetado por essa ação. Por isso, não faço a distinção entre os participantes ao analisar sobre qual deles recai o parâmetro de transitividade, já que tanto um hipotético participante pouco proeminente volitivo quanto um participante mais

3 No original: “A prototypical transitive clause is one where the two participants are maximally semantically distinct in terms of their roles in the event described by the clause”.

proeminente afetado alteram os graus de transitividade destoando da oração transitiva prototípica⁴.

Tendo em vista que a quantidade de participantes envolvidos em um evento é apenas um dos fatores de transitividade, é possível que haja construções com apenas um participante que sejam mais transitivas que orações cujo verbo aceite mais de um argumento. Comparemos os enunciados em (5) e (6) em português brasileiro abaixo:

5. A professora Maria correu cinco quilômetros ontem.

6. Crianças talvez não gostem de vegetais.

É possível observar que (5) – apesar de apresentar um único participante – tem diversos elementos considerados de alta transitividade: o participante envolvido é bastante individuado, tem alta agentividade e volição; há uma ação bastante cinética e pontual; a modalidade verbal é da esfera do realis e o aspecto é perfectivo.

O enunciado (6), por outro lado, apresenta muitos fatores que reduzem a transitividade – ainda que haja dois nominais relacionados ao verbo: os participantes não são individuados; não há ação; os participantes não são afetados nem agentivos; a modalidade é irrealis; descreve-se uma situação não pontual e o aspecto é não perfectivo.

A comparação entre (5) e (6) permite que a transitividade seja compreendida, portanto, como um contínuo e não como uma categoria cujos membros possuam características suficientes e necessárias. Nesse sentido, podemos dizer que (5) é mais transitivo que (6), por expressar linguisticamente um evento mais efetivamente realizado.

Ao compreender a transitividade como o grau de efetivação da realização de um evento, conseqüentemente, é preciso considerar que há dois polos (ausência total de evento em um extremo e um evento com múltiplos participantes totalmente efetivado em outro) e uma região intermediária. Essa região intermediária do contínuo de transitividade compreende as construções que apresentam tanto elementos que aumentam o grau de transitividade como elementos que o reduzem⁵.

4 A distinção entre os níveis de proeminência dos participantes será detalhada mais adiante. Por ora, penso ser válido observar que a distinção normalmente feita entre sujeito e objeto é uma distinção de proeminência, sendo o primeiro mais proeminente do que o último. Essa observação também é feita por Esmeralda Negrão e Evani Viotti (2014, p. 263).

5 Em geral, são construções que expressam o que Suzanne Kemmer (1993) chama de “domínio médio”.

Do ponto de vista tipológico, o sistema de alinhamento na marcação dos participantes de um evento reflete o modo como as línguas operacionalizam a transitividade em suas construções. Assim, em línguas com marcação de pessoas com alinhamento nominativo-acusativo, espera-se que a distinção entre orações transitivas e intransitivas seja bastante categórica, ao passo que isso não é esperado em línguas com marcação de participantes baseada em um sistema ativo-estativo, por exemplo.

A fim de ilustrar esse argumento, apresento a seguir os pronomes de primeira pessoa do singular no guarani paraguaio:

7. Guarani (MITHUN, 1991, p. 511)

a-xá	'Eu vou'	šé-rašĩ	'Eu estou doente'
a-gwerú aĩna	'Eu os estou trazendo agora'	šé-reraha	'Vai me carregar'

O que os dados em (7) ilustram é que há duas maneiras de marcar a primeira pessoa do singular nos verbos em guarani: {a-} e {šé-}. Ambos os morfemas aparecem tanto em construções com apenas um participante como em construções com dois participantes. A distinção no uso entre os dois morfemas se dá por razões semânticas: o primeiro ({a-}) é utilizado quando a primeira pessoa é mais agentiva e o segundo ({šé-}) quando a primeira pessoa é menos agentiva. Dessa maneira, a distinção entre transitivas e intransitivas como categorias absolutas perde a relevância nessa língua. Ou seja, a fluidez dentro do contínuo de transitividade é mais saliente do que os polos em línguas desse tipo.

A marcação de participantes ilustrada pelos dados em (7) revela que outros fatores além do número de participantes são importantes no modo como línguas do mesmo tipo que o guarani expressam a conceitualização de eventos.

Levando em consideração que a marcação morfossintática dos participantes é somente uma dentre os diversos elementos pelos quais se percebe uma transitividade menos categórica, revisito o conceito de *estrutura ativa*, elaborado por Klimov (1974).

Estrutura ativa

Ainda que a tipologia de marcação de pessoas com base em uma distinção semântica tenha sido identificada ainda no início do século XX,⁶ Grigorij Klimov (1974) busca abarcar com a ideia de *estrutura ativa* um tipo linguístico que incluiria também outras características estruturais correlatas à marcação morfossintática de participantes ativos em oposição a participantes inativos.

6 Pelo menos, desde os trabalhos de Christianus Uhlenbeck (1916) e Edward Sapir (1917).

A estrutura ativa se manifestaria, então, não apenas na distinção entre pronomes (ou morfemas de pessoa) ativos e inativos, mas também nos diferentes níveis de análise. O Quadro 2 abaixo apresenta algumas dessas características em relação aos níveis:

Quadro 2. Manifestações da estrutura ativa

Nível	Manifestação
Léxico	Verbos de ação x verbos estativos
	Alta incidência de verbos impessoais
Morfologia	Sistema de caso fraco
	Rica morfologia verbal
	Prevalência de aspecto sobre tempo verbal
	Indicações locativas altamente relevantes
Sintaxe	Ausência de um verbo 'ter' para indicar posse
	Distinção de objeto 'primário' e 'secundário' em vez de 'direto' e 'indireto'
	Baixo número de adjetivos, cuja função tende a ser expressa por verbos

Fonte: Elaboração própria, com base em Brigitte Bauer (2011)

O Quadro 2 apresenta algumas características descritas por Klimov como correlatas à marcação de pessoas por um sistema ativo-estativo. Apesar de essa correlação não ser estatisticamente comprovada para todas as características (como mostra Johanna Nichols (1992)), o raciocínio de que a distinção entre elementos ativos e estativos é parte de um modo de conceitualização de eventos que se reflete em diferentes níveis da estrutura linguística merece uma análise atenciosa.

Defendo que os parâmetros de análise identificados por Hopper e Thomson (1980), ao ampliar a noção de transitividade para as construções em geral, abrangendo inclusive o nível do discurso, relacionam-se diretamente à distinção da proeminência que as línguas atribuem à separação entre elementos mais ativos/agentivos e mais inativos/pacientivos.

No caso da marcação de pessoa que distingue entre prefixos ativos e inativos nos dados do guarani, exibidos em (7) anteriormente, podemos dizer que o prefixo {a-} (usado para primeira pessoa do singular mais ativa) aumenta a transitividade das construções em que é o único participante, ao passo que o morfema {šé-} (usado para primeira pessoa do singular menos ativa) diminui a transitividade das construções em que aparece como participante único.

Nesse sentido, o grau de efetivação na realização do evento descrito é mais relevante para a estrutura dessas línguas do que a especificação dos participantes. Em outras palavras,

a conceitualização dos eventos parte do evento em si e ruma aos papéis desempenhados pelos participantes, e não o contrário. Trata-se de estratégias de organização estrutural das orações que refletem formas distintas de conceitualização: partindo dos eventos, o papel desempenhado pelos participantes não necessariamente é codificado em sua função sintática. Voltando aos dados do guarani, o uso dos morfemas {a-} e {šé-} não explicita a distinção entre sujeito e objeto, por exemplo. Já em línguas que privilegiam os participantes, qualquer alteração do papel desempenhado por um participante será expressa morfossintaticamente. Por exemplo, uma oração na voz passiva em português como “a bola foi chutada pela menina” mostra que o sujeito ‘a bola’ não desempenha o papel de agente, o que é prototípico em línguas de alinhamento acusativo.

Søren Wichmann (2007) elabora, de modo análogo à ideia de *estrutura ativa*, a noção de “gramática orientada ao evento” em oposição a uma “gramática orientada aos participantes”. As línguas de estrutura ativa teriam sua gramática orientada ao evento, portanto. Na apresentação de sua distinção tipológica, o autor também apresenta a baixa quantidade de adjetivos e o uso de verbos para expressar qualidades e atributos como característica da orientação ao evento, ou seja, da estrutura ativa. Os dados em (8) abaixo são do tapirapé, uma língua da família tupi-guarani, também de alinhamento ativo-estativo. É possível perceber que a expressão de uma qualidade é realizada por uma categoria verbal, recebendo o morfema {i-}, referente à terceira pessoa do singular no paradigma de série II, que é usado para marcar participantes não agentivos nos verbos.

8. Tapirapé (PRAÇA, 2012, p. 95, 99)

- | | | | |
|----|--|-----------------|------------------|
| a. | tokyn-a | i-kywer | |
| | Tokyna-REFER | 3.II-ser.magra | |
| | ‘Tokyna é magra’ | | |
| b. | ãxyg-a r-eymãw-a | i-ãrõãrõ | a-we-we |
| | espírito-REFER R-animal.doméstico-REFER | 3.II-ser.bonito | 3.III-voar-REDUP |
| | a-ka-wo | | |
| | 3.III-estar-GER | | |
| | ‘As borboletas azuis são muito bonitas enquanto voam’ ⁷ | | |

Os exemplos em (8) mostram o morfema {i-} empregado para marcar a terceira pessoa quando associada aos predicados traduzidos como ‘ser magra’ (em 8a) e ‘ser bonito’ em (8b). Observa-se também o contraste que o morfema apresenta com {a-}, também usado para terceira pessoa, mas associado a *we* e *ka*, traduzidos por Walkíria Praça (2007) como ‘voar’ e ‘estar’.

7 Praça (2007, p. 99, nota 4) explica que *ãxyg-a r-eymãw-a* ‘animal doméstico dos espíritos’ é um tipo de borboleta com asas azuis.

Conforme já mencionado, a expressão de atributos que privilegiam construções verbais é uma característica de línguas de estrutura ativa. Na próxima seção, apresento como a expressão de qualidades é realizada em línguas do grupo bantu. As construções utilizadas mostram uma tendência dessas línguas em usar construções mais transitivas do que predicados adjetivais. Dessa maneira, assim como as construções de inversão reduzem a transitividade em orações mais extensas, as formas de expressar qualidades nas línguas bantu “puxam” a transitividade da língua para a região mais intermediária do contínuo apresentado no início desta seção.

É importante ressaltar que se trata de uma ilustração do modo como a transitividade intermediária, prototípica da estrutura ativa, aparece em um grupo de línguas que não tem alinhamento ativo-inativo. As línguas do grupo bantu apresentem ainda outros aspectos estruturais que também mostram características de uma estrutura ativa (como as construções de inversão e as extensões verbais, por exemplo), e que serão analisados em trabalhos futuros.

Expressão de qualidades em línguas bantu

As línguas bantu apresentam três maneiras de expressar qualidades: por meio de construções adjetivais, de construções conectivas e do uso de verbos. Entre essas três, o uso de adjetivos é o menos produtivo.

A constituição dos adjetivos como uma classe de palavras nas línguas bantu foi objeto de discussão por muito tempo, mas hoje sua existência não é contestada. Não obstante, a classe dos adjetivos é bastante fechada e restrita, como mostram os números apresentados por Guillaume Segerer (2008). Em um levantamento sobre adjetivos nas línguas africanas em geral, o autor analisa 30 línguas bantu, das quais somente quatro possuem um número de adjetivos maior do que 15. Essas línguas são: o shingazidja (G44), que conta com 26 adjetivos; o kinyamwezi (F22), com 24 adjetivos; o lega-beya (D25) com 19 adjetivos e o doko (C301), com 18 adjetivos.

Considerando a transitividade como o nível de efetivação na realização de um evento, analiso a transitividade também em construções não verbais. Assim, o uso de um modificador adjetival em uma expressão nominal aumenta a transitividade da expressão em comparação a uma expressão nominal sem modificador. Isso ocorre porque um adjetivo expressa uma escala ou um conjunto de propriedades com que o nome se relaciona. Ainda assim, é a forma menos transitiva de expressar uma qualidade, que em bantu ocorre, como já mencionado, de modo bastante reduzido. O dado em (9) mostra uma construção adjetival em lunda (L50):

9. Lunda (L50) (KAWASHA, 2003, p. 118)

mu-kánda wu-chinana
CL₃-livro CL₃-vermelho
'um livro vermelho'

O prefixo {wu-} que antecede o adjetivo {-chinana} em lunda marca a concordância de classe nominal com *mukánda*, nome de classe 3. Ainda que a glosa assinale ambos os morfemas da mesma maneira, o {wu-} é um morfema de concordância: aparece somente junto a termos que estejam em relação com outros nomes de classe 3. Essa composição é a construção adjetival simples, que é menos transitiva do que as construções mais produtivas nesse grupo de línguas: as conectivas e as verbais, que descrevo a seguir.

Construções conectivas

Uma das maneiras de expressar qualidades em línguas bantu é por meio das chamadas construções conectivas. Trata-se de uma construção em que há um nome 1, seguido de uma partícula conectiva e um nome 2, cujo sentido modifica o primeiro. Esse tipo de construção se assemelha a uma construção possessiva, como mostram os dados em (10) na língua lucazi (K13):

10. Lucazi (K13) (FLEISCH, 2000, p. 81; 87)

- a. Njila i-á- i-ndende
CL₉-caminho CL₉-CON CL₉-'pequeno'
'O caminho pequeno/curto'
- b. ma-ifo a-á- mu-ti
CL₆-folha CL₆-CON CL₃-árvore
'As folhas da árvore'

A partícula -á- é o conectivo que une dois elementos distintos e recebe a marca de concordância com a classe do nome núcleo, que é aquele que a antecede. O caso de (10b) mostra que é possível a conexão inclusive com dois nomes, uma vez que a palavra *muti* em lucazi possui uma marca própria de classe nominal, que não se altera para concordar com *méfo* (ma-ifo). Assim já é possível observar em (10) uma transitividade maior em comparação com a construção de adjetivo simples em (9): o número de elementos envolvidos é maior. A relação entre os termos, portanto, passa a ser mais efetiva, uma vez que ganha proeminência sobre a referência ao nome inicial sozinho. As construções conectivas explicitam o elemento cujas propriedades modificam o nome núcleo; os adjetivos estabelecem a relação sem explicitar o elemento modificador.

As construções conectivas se assemelham a construções preposicionais, em outras línguas. Comparemos: em português brasileiro, há termos como *amor maternal* e *amor de mãe*. No segundo caso, a transitividade é maior, pois o elemento que oferece a propriedade *maternal* está explicitado⁸. Assim, pelos parâmetros de número de participantes e individuação de participantes, as construções conectivas podem ser consideradas mais transitivas do que as construções adjetivais.

Ainda mais reveladoras dos fenômenos de transitividade são, evidentemente, as construções verbais, que descrevo a seguir.

Construções verbais

De modo semelhante às línguas tupi apresentadas anteriormente, as línguas do grupo bantu também apresentam um conjunto de verbos que expressam estados ou propriedades. Os exemplos em (11) mostram como construções verbais são usadas para expressar atributos em lubukusu (E31):

11. Lubukusu (E31) (Wasike, 2018, p. 336)

- a. Wafula a-la-saangal-a
Wafula MS₁-FUT-feliz-VF
'Wafula ficará feliz (hoje)'
- b. Wafula a-a-saangal-a
Wafula MS₁-PSD-feliz-VF
'Wafula foi feliz (há muito tempo)'

Ambos os exemplos em (11) mostram a raiz *-saangal-* ocorrendo com a marca de sujeito de concordância de classe (MS), um morfema de tempo verbal (FUT e PSD) e a vogal final (VF), característica dos verbos nas línguas bantu. Nesse caso, a transitividade é bastante reduzida quando comparada a outras construções verbais, uma vez que os parâmetros de *volitividade*, *cinese*, *pontualidade* são negativos e o *aspecto* não é perfectivo. A expressão de qualidades por meio de construções verbais funciona, nas línguas bantu, justamente para colocar os atributos dos nomes em uma área mais intermediária da transitividade; separada tanto da característica definitiva que os adjetivos simples expressam como da alta individuação de participantes que existe nas construções conectivas.

⁸ Essa distinção é, em suma, o que define a diferença entre construções adjetivais e preposicionais para a Gramática Cognitiva, de acordo com Langacker (2008).

As maneiras de codificar qualidades – seja de modo adjetival, “preposicional” ou verbal – estão diretamente ligadas à noção de transitividade, como busquei demonstrar por meio de exemplos das línguas bantu. Nesse caso, a utilização de verbos na expressão de atributos confere aos parâmetros identificados por Hopper e Thompson (1980) a mesma relevância para a transitividade que o número de participantes. É nesse sentido que essa é uma característica associada às línguas de estrutura ativa, pois a relação sujeito-objeto (fundamental para um sistema de transitividade do tipo acusativa, por exemplo) é menos preponderante em sua estruturação do que outros fatores, como a distinção entre ação e estado, por exemplo.

Considerações finais

Uma noção tradicional de transitividade baseada exclusivamente no número de elementos associados diretamente ao verbo limita a análise de línguas de sistema ativo-estativo, uma vez que a distinção entre sujeito e objeto é menos preponderante do que a distinção entre elementos ativos e inativos para a organização estrutural dessas línguas. Além disso, dificulta que uma abordagem tipológica mais abrangente identifique semelhanças entre línguas ou grupos linguísticos que não possuem o mesmo alinhamento (principalmente entre: ativo-estativo, nominativo-acusativo, ergativo-absolutivo).

Neste artigo, busquei mostrar que a transitividade é um fenômeno que transcende o verbo: trata-se de uma característica da própria conceitualização de eventos e da percepção sensorial que se reflete em enunciados linguísticos. Além de ser gradual (o que anula a distinção categórica entre ‘verbos transitivos’ e ‘verbos intransitivos’), a transitividade pode ser modulada desde construções nominais até orações completas⁹.

A transitividade, portanto, não é uma propriedade exclusivamente sintática, tampouco exclusivamente linguística. O contínuo de transitividade captura a expressão linguística de capacidades cognitivas humanas como a percepção de volição, a delimitação de indivíduos e relações, e a distinção entre *realis* e *irrealis*, por exemplo.

Dessa maneira, os estudos sobre transitividade por uma perspectiva não categórica e voltada aos parâmetros de gradação podem contribuir para o desenvolvimento de abordagens teóricas não modulares; tanto na linguística como nas ciências cognitivas em geral.

⁹ Hopper e Thompson (1980) introduzem a análise de transitividade inclusive no nível do discurso.

Abreviaturas

II – série II

III – série III

AUG – Aumento

CON – Conectivo

CL_x – Classe nominal x

FUT – Futuro

GER – Gerúndio

HAB – Habitual

LOC – Locativo

MO_x – Marca de objeto x

MS_x – Marca de sujeito x

PSD – Passado

R – Relacional

REDUP – Reduplicação

REFER – Referenciante

VF – Vogal final

Agradecimentos

Agradeço aos pareceristas pelos gentis comentários e sugestões de melhoria. Eventuais erros que tenham permanecido são de minha responsabilidade. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, A. A. *Omissão de constituintes pós-verbais no umbundu (língua bantu): numa perspectiva comparada com o PE*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

AVELAR, J. O. de. Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 16, n. 24, p. 232-252, 2009.

BAUER, B. *Archaic syntax in Indo-European: the spread of transitivity in Latin and French*. Walter de Gruyter, 2011.

BAX, A.; DIERCKS, M. Information structure constraints on object marking in Manyika. *Southern African Linguistics and Applied Language Studies*, v. 30, n. 2, p. 185-202, 2012.

BLAKE, B. *Case*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BOSTOEN, K.; DOM, S.; SEGERER, G. The antipassive in Bantu. *Linguistics*, v. 53, n. 4, p. 731-772, 2015.

CHOMSKY, N. *Linguagem e mente*. 3. ed. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHOMSKY, N. *Estruturas sintáticas*. Tradução Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

FODOR, J. A. *The Modularity of Mind*. Cambridge: Harvard University Press. 1983.

FLEISCH, A. *Lucazi grammar: a morphosemantic analysis*. Köppe, 2000.

HAMMARSTRÖM, H. An inventory of Bantu languages. In: VAN DE VELDE, M. *et. al.* (org.). *The Bantu Languages*. New York: Routledge, 2019. p. 17-78.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, p. 251-299, 1980.

LAKOFF, G. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image-schemas? *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 39-74, 1990.

LANGACKER, R. *Cognitive grammar*. Paris: De Gruyter Mouton, 2008.

KAWASHA, B. K. *Lunda grammar: A morphosyntactic and semantic analysis*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics, University of Oregon, 2003.

KEMMER, S. *The middle voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1993.

KLIMOV, G. A. On the character of languages of active typology. *Linguistics*, v. 12, n. 131, p. 11-26, 1974.

MARTEN, L.; VAN DER WAL, J. A typology of Bantu subject inversion. *Linguistic variation*, v. 14, n. 2, p. 318-368, 2014.

MITHUN, M. Active/agentive case marking and its motivations. *Language*, v. 67, n. 3, p. 510-546, 1991.

NEGRÃO, E. V.; VIOTTI, E. A investigação da estrutura argumental: por uma confluência dos instrumentais analíticos. In: STORTO, L.; FRANCHETTO, B.; LIMA, S. (org.). *Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil*. São Paulo: Mercado de Letras, 2015. p. 261-285.

NÆSS, Å. *Prototypical transitivity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2007.

NICHOLS, J. *Linguistic diversity in space and time*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

PINKER, S. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PRAÇA, W. *Morfossintaxe da língua Tapirapé (Família Tupi-Guaraní)*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SALZMANN, M. Towards a typology of locative inversion – Bantu, perhaps Chinese and English – but beyond? *Language and Linguistics Compass*, v. 5, n. 4, p. 169-189, 2011.

SEGERER, G. Closed adjective classes and primary adjectives in African Languages, 2008.

SAPIR, E. Resenha de "Het Passieve Karakter van het Verbum Transitivum of van het Verbum Actionis in Talen van Noord-Amerika (The Passive Character of the Transitive Verb or of the Active Verb in Languages of North America)" por C.C. Uhlenbeck. *International Journal of American Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 82-86, 1917.

SEKI, L. O Kamaiurá: língua de estrutura ativa. *Língua e literatura*, v. 5, p. 217-227, 1976.



UHLENBECK, C. C. *Het passieve karakter van het verbum transitivum of van het verbum actionis in talen van Noord-Amerika*. J. Müller, 1916.

WASIKE, A. Adjectives in Lubukusu. *In: KANDYBOWICZ, J. et al. (org.). African linguistics on the prairie*, p. 325-339, 2018.

WICHMANN, S. Valency-reduction in event-oriented languages. *In: FERNÁNDEZ, Z et al. (org.). Studies in voice and transitivity (Estudios de voz y transitividad)*, p. 33-51, 2007.

ZELLER, J. Locative inversion in Bantu and predication. *Linguistics*, v. 51, n. 6, p. 1107-1146, 2013.